

14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 04 – Sociologia da Cultura

Entre a cultura popular e a análise sociológica. Possíveis aproximações e/ou afastamentos entre Mário de Andrade e Florestan Fernandes referente ao folclore.

Marcelo Augusto Totti¹

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre o folclore começaram a ter visibilidade entre os intelectuais a partir do século XVIII, quando a Europa passou por profundas transformações, o trabalho de Thompson (1998) relata essa passagem, descrevendo como o povo resistia ao livre mercado não por desconhecimento, mas por defender uma visão moral de comunidade onde o direito à subsistência era sagrado e estava imbuído no espírito daquela comunidade. Ainda segundo o historiador inglês, a cultura popular é resistência por definição porque ela preserva valores de solidariedade e reciprocidade que o capitalismo nascente tentava destruir para transformar tudo em mercadoria e tempo de trabalho.

Na realidade brasileira os estudos sobre o folclore são muito mais tardios, “a primeira fase, compreendida entre as décadas de 20 e 60, é marcada por grande disputa metodológica, entre os estudos folclóricos e a emergente sociologia paulista, a respeito da autoria e legitimidade do campo” (Rocha, 2009, p.221). Até então, o folclore era encarado pela

¹ Sociólogo, livre-docente em Sociologia brasileira pela Unesp/Marília é professor do Departamento de Sociologia e Antropologia da Unesp/Marília e coordenador do mestrado profissional em Sociologia em Rede Nacional da Unesp/Marília e atua no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da mesma Universidade.

intelectualidade sem a devida seriedade de um campo de estudo propriamente dito, consequência de um período² demarcado pelas ideias positivas, do bacharelismo e do evolucion. Deste modo, a ideia do presente trabalho centra-se nesta primeira fase delimitada por Rocha (2009), de uma legitimação e autonomia do campo, fato também corroborado por Cavalcanti e Vilhena (1990), que identificam e associam o folclore como “um dos temas em voga no país quando se inicia o processo de institucionalização no ensino superior das chamadas ciências sociais” (1990, p.75). Para isso, o objeto do trabalho será a discussão de Mario de Andrade e Florestan Fernandes.

Tendo esse parâmetro, o objetivo deste trabalho foi analisar os conteúdos e contextos socioculturais do folclore e suas representações sociais a partir da análise de seus escritos buscando estabelecer aproximações e/ou distanciamentos. A contribuição de Mário de Andrade aos estudos do folclore é inestimável e versa sobre diversos aspectos das relações sociais, incluindo a questão do negro e o folclore enquanto manifestação cultural da realidade social brasileira. Contudo, a grande contribuição de Mário de Andrade iria além, postulava uma crítica daquilo que entendia como cientifização do folclore, dado que o “folclore científico” no Brasil sofria uma concorrência de um certo amadorismo, mas que mantinha uma complacência com editoras de um lado e de uma ausência de verificação das fontes de outro, que comprometia a veracidade e a catalogação da cultura popular. Compreendia sua característica nas origens da arte popular, diminuindo a distância entre o erudito e o popular, configurando o que se denominou chamar posteriormente de nacional-popular.

Florestan Fernandes apesar de considerar o trabalho de Mário de Andrade como significativo na análise dos fatores explicativos da cultura do povo brasileiro, porém, considerava o modernista como um “folclorista” e procura dar moldes sociológicos e científicos em suas análises das manifestações folclóricas, exemplos disto são os primeiros estudos sobre o folclore infantil como elemento da socialização infantil e os processos de urbanização da cidade de São Paulo, que estavam correlacionados com os avanços da sociedade da capitalista e o desaparecimento de uma cultura popular praticada na rua. Observa-se nesse rápido itinerário desses dois intelectuais visões as vezes confluentes e outras divergentes sobre o objeto folclore, surge como uma manifestação cultural que realça elementos da cultura nacional e revela aspectos de nossa formação social e das relações sociais presentes em nossa sociedade, tornando-se objeto privilegiado de estudo sociológico.

² Estamos nos referindo ao período da chamada primeira República, mais especificamente entre 1889 e 1920.

Folclore: expressão popular e cultural de um povo.

Os estudos de Mário de Andrade acerca do folclore buscavam realizar uma espécie de catalogação da cultura popular, ainda muito carente e eivado de conotações subjetivas e com equívocos grosseiros. Tal avaliação levantada por Mário de Andrade era advento dos chamados “folcloristas” que utilizam da cultura popular modificando aspectos sensíveis e cantigas, histórias e melodias populares.

Essa situação descrita por Mário de Andrade contava com a benevolência de jornais e de editoras do período. O modernista cita como exemplo o livro sobre *Trovas Populares Brasileiras* de Afrânio Peixoto³, publicado em 1919. Dada a importância desse autor e da repercussão que poderia render, outro livro seu publicado mais uma década atrás reunia das “mil quadrinhas recolhidas nas Trovas populares, duzentas e cinquenta era falsas, inventadas pelo próprio antologista” (Andrade, 2019, p. 25).

A burla a que se refere Mário de Andrade não seria um ato de egolatria do médico baiano, mas ausência completa de método na coleta das históricas e do material empírico utilizado, continua Andrade: “o professor Afrânio Peixoto conta que ‘tinha uma ideia’ (como se fosse só ele!), de que as trovas populares eram de autores eruditos quando bonitas. E afirma o jubiloso ter provado que sim, pois ele mesmo incluía as quadrinhas que supunha anônimas” (idem), esses aspectos expressam o amadorismo e a leniência das editoras e do grande público.

De outro lado, a perspectiva de folclore relatado por Peixoto tinha uma manifestação de cunho classista e elitista que procurava ocultar sua origem popular e racial das manifestações da cultura popular. Tal manifestação, conforme demonstrado no livro de Afrânio Peixoto, tinha a intenção de adaptar o gosto burguês, relatando em aspectos aceitáveis e prazerosas à burguesia:

Na verdade este ‘folclore’ que conta em livros e revistas ou canta no rádio e no disco, as anedotas, os costumes curiosos, as superstições pueris, as músicas e os poemas tradicionais do povo, mais se assemelha a um processo

³ Afrânio Peixoto foi um importante intelectual brasileiro, médico e professor da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, publicou inúmeras obras no campo da literatura, integrou o a Academia Brasileira de Letras e foi um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, um dos mais importantes documentos da história da educação brasileira.

de superiorização social das classes burguesas⁴. Ainda não é a procura do conhecimento, a utilidade de uma interpretação legítima e um anseio de simpatia humana. (Andrade, 2019, p.27)

Essa seria uma tendência histórica orientada pelo romantismo e por escritores que privilegiaram aspectos do vida espiritual, das canções e provérbios em suas coletas, sem conexão com a produção material do folclore, como Silvio Romero⁵ que seus estudos sobre o folclore refletiam muito mais uma “curiosidade apaixonada e o polimorfismo do escritor” (idem, p.27) com o fato de encarar o estudo como simples recolhimento de material sem detalhamento, com descrições imprecisas e comentários sem profundidade. Assim, foi se aprofundando na literatura brasileira uma quantidade de escritores e autores sem o menor domínio técnico e intelectual do tema do folclore, deixando a riqueza do povo brasileiro em segundo plano.

Apesar de alguns escritores se debruçarem sobre o tema folclore, como Amadeu Amaral⁶, o que Mario de Andrade observava é que não havia estudos sistemáticos sobre a temática e os que se aventuraram abusavam do que denominou de amadorismo. O que passaria a modificar o modo como o folclore pesquisado no Brasil tem relação direta com criação de instituições culturais capazes de imprimir um novo, modelo mais científico, ao tratamento do folclore, como o Departamento de Cultura de São Paulo e a Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, um deles dirigido por Mario de Andrade. Tal relação levou a posição de André Botelho (2009, p. 166) afirmava que “Mario viveu dos rendimentos auferidos em empregos públicos, em instituições culturais mantidos pelo mecenato oligárquico”. Apesar dessa crítica que poderíamos colocar nos termos de Sergio Miceli de uma espécie de cooptação do intelectual, o sociólogo carioca avalia a política do modernista como inovadora “nos anos 1930, ao tempo da gestão no Departamento de Cultura, concebeu políticas setoriais – bibliotecas, arquivos, discografias, folclore – afinadas com seus interesses, como que ensaiando na capital um prenúncio do que viria a ser a gestão Capanema no regime Vargas” (Botelho, 2009, p.167).

⁴ As críticas à burguesia não se restringiam a questão do folclore, em Pauliceia Desvariada há o poema Ode ao burguês e também em Amar Verbo Intransitivo reforça as críticas a elite paulistana e aos ideais burgueses.

⁵ Silvio Romero é um dos precursores da sociologia no Brasil, junto com Tobias Barreto fundaram a Escola do Recife.

⁶ Mario de Andrade considerava Amadeu Amaral como um dos principais folcloristas do Brasil, mas sua teria se “apequenado pelo excesso de severidade de sua orientação” (Andrade, 2019, p.31).

Mário de Andrade criou uma espécie de política pública em termos culturais⁷, dimensionando o papel do folclore enquanto patrimônio cultural, mas também de relevância sociológica:

inúmeros estudos têm destacado o papel de Mário de Andrade à frente da Secretaria de Cultura de São Paulo, quando concebeu dois grandes projetos de grande relevância sociológicas: de um lado a Sociedade de Etnografia e Folclore, que funcionou entre os anos de 1936-1939 tendo à frente da diretoria Dina Levi-Strauss, esposa do eminente antropólogo dos Tristes Trópicos, à época professor de sociologia na recém criada Universidade de São Paulo; do outro lado, a elaboração do projeto que futuramente, daria origem ao Instituto de Patrimônio Artístico e Histórico Nacional (Rocha, 2009, p.222)

Essa relação concernia não apenas no aspecto de valorização da cultura nacional, mas no elemento modernista de originalidade e universalidade da cultura popular, “o elemento autêntico e primitivo buscado no fato folclórico tinha também o sentido do encontro com a uma humanidade primordial, presente de formas diversas em todas as culturas humanas” (Cavalcanti, 2019, p.147-8).

A ideia de uma universalidade da cultura popular nacional em Mário de Andrade estava atenta no movimento modernista e na perspectiva nacional de valorização da cultural. A influência andradiana estariam visíveis nas pesquisas de um dos principais conhecedores do folclore nacional, autor do clássico *Dicionário do folclore brasileiro*, Luís da Câmara Cascudo, aos quais teve intenso diálogo intelectual resultando no “direcionamento das pesquisas de Cascudo para o universo do folclore e da cultura popular” (Gonçalves, 2019, p.176). Tal direcionamento não foi de ordem do objeto estudo por Cascudo, mas na especificidade do objeto “folclore e das culturas populares assumem no contexto brasileiro, ele as entende como parte de um processo de criação e difusão universal” (idem, p.179).

A perspectiva de universalidade estava amparada nas comparações que Mário de Andrade entre o barroco brasileiro e europeu, conferindo “dignidade artística às obras do barroco mineiro, que as insere dentro de um movimento histórico universal” (Natal, 2007,

⁷ Cavalcanti e Vilhena (1990) que o movimento em tomo é liderado pela Comissão Nacional do Folclore criado em 1947, depois anos depois da morte de Mário de Andrade. Interessante notar que esta comissão estava vinculada institucionalmente ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura ligado ao Ministério do Exterior e à Unesco. Chama a atenção o fato da Unesco ter interesse pelo folclore no período pós-guerra, tal interesse pode ser compreendido na medida em que o “folclore é um instrumento de compreensão entre os povos, compreensão esta que, na visão brasileira, bem ao gosto de Mário de Andrade” (1990, p.76)

p.200). Além de uma valorização da arte e cultura popular nacionais, Mário de Andrade conferia uma politização à cultura brasileira, recuperando o popular como matéria prima da formação de nossa identidade nacional, o que seria dentro daquelas condições históricas e sociais as “raízes do movimento modernista e formas os pressupostos de uma nova estética com identidade popular vinculando o concreto-real inerente ao povo com a totalidade universal” (Totti, 2020, p. 19).

Os estudos sociológicos sobre o folclore

Os estudos do folclore estão entre as primeiras pesquisas de Florestan Fernandes e remetem aos primeiros trabalhos do sociólogo uspiano em sua graduação. O trabalho final da disciplina de Sociologia em seu primeiro ano de graduação. O responsável pela disciplina, era o catedrático professor Roger Bastide, mas que era ministrada pelos assistentes, no caso a professora Lavínia Costa Villela, que considerou que Florestan havia levado o folclore a “sério” demais, não devendo tal tema ser objeto de profunda análise sociológica, e recebeu uma nota aquém do desejado pelo até então estudante (Pontes, 1998).

Inconformado com os comentários e a nota atribuída pela professora assistente da cátedra de sociologia I, Florestan Fernando procura o responsável pela cátedra, Roger Bastide, para discutir o trabalho e os dados e posteriormente a coleta com o professor Emilio Willems. Além desse encontro render-lhe frutos do ponto de vista profissional, foi através da orientação desses professores que surgiram o aprofundamento necessário para publicação de artigos sobre o tema na recém criada *Revista Sociologia: Didática e Científica*, trabalhos que iriam “compor As trocinhas do bom retiro, ganhador do Prêmio Temas Brasileiros, concurso promovido pelo Grêmio da faculdade de Filosofia, para o qual Roger Bastide selecionou e julgou os trabalhos inscritos” (Arruda; Garcia, 2003, p.64).

Florestan trabalhará sobre duas óticas a questão do folclore, a primeira que podemos chamar de matriz macrossociológica; pensar o folclore dentro de um escopo de mudança em que vive a sociedade brasileira, neste caso, a sociedade paulistana e outro aspecto parte da perspectiva cultural e socializadora do folclore.

A ideia de trabalhar com associações, como o próprio autor enuncia nas primeiras de seu trabalho sobre Folclore e grupos infantis, relacionando grupo infantis e tradição, compreendendo o “folclore foi produto da vida social no passado e em geral da cultura adulta, passando posteriormente para a cultura infantil” (Garcia, 2001, p. 147). Assim, o sociólogo uspi-

ano lança mão de conceitos sociológicos como socialização, controle social, herança social e mudança social na cidade de São Paulo que são desdobrados a partir de um enorme levantamento empírico da chamada cultura *folk* com que tinha enorme familiaridade, e a coleta de dados do folclore paulistano lhe proporcionou uma discussão crítica sobre os rumos da urbanização na capital paulista e dos processos de socialização infantil.

A cidade passou por transformações muito rápidas, a partir do último quartel do século passado, mas num período de tempo que é bastante curto para permitir um confronto quase físico entre a antiga ‘cultura de folk’, em desagregação, e a ‘cultura civilizada’ em emergência e expansão. (Fernandes, 2004, 11)

Observe-se que Florestan Fernandes coloca o folclore paulista dentro de uma ótica mais ampla, das mudanças sociais ocorridas na cidade de São Paulo, com a característica ultrahumanista mediante uma perda de universalidade que vai ocorrendo devido ao processo de assimilação da cultura urbana adquirindo novos contornos e novas feições dentro de um processo influxos e resistências. Essa análise do folclore destaca as influências sociodinâmicas que permitem um olhar sociológico da manifestação cultural em questão, já que “o folclore não é mera fonte de recreação para as crianças ou para os adultos” (ibidem, p.13), tendo influência no comportamento de seus participantes.

As influências socializadoras do folclore paulistano, destacadas no livro, ocorriam fundamentalmente na rua e, preferencialmente, pelas crianças, que não necessitavam da interferência do adulto, mas serviriam de olhar e maturação para a vida adulta.

Os elementos tradicionais que provocam e organizam a experiência social das crianças no interior dos grupos de folguedos. Definem-se assim os aspectos socializadores do folclore através da diferenciação entre cultura adulta e cultura infantil para, analisando o funcionamento desta última, mostrar como ela atualiza para as crianças os mesmos padrões da cultura adulta, reafirmando dessa maneira a unidade dos valores e padrões de conduta de uma sociedade (Garcia, 2001, p. 147)

Florestan lança novo olhar sobre o processo de socialização sem a participação dos adultos; as crianças criavam suas próprias regras e independência. Esse processo de socialização contrariava as teses da escola sociológica francesa, que salientava que a socialização se dava por uma geração adulta sobre as mais jovens.

Através desses folguedos, as crianças têm oportunidade de manter contatos pessoais e de interagir socialmente com pessoas da mesma categoria social. Isso significa, em outras palavras, que a criança pode desenvolver, por meio deles, relações com pessoas que possuem, aproximadamente, a mesma idade, os mesmos centros de interesse, a mesma concepção de mundo e o mesmo prestígio social (Fernandes, 2004, p.16)

Além de contrariar teses consagradas, a análise sociológica propunha observar os processos de urbanização e implementação capitalista na cidade de São Paulo, visto que tal folclore tendia a desaparecer com a urbanização e expansão capitalista na cidade, pois esse folclore infantil ocorria preferencialmente na rua. Segundo Martins (1998, p.26 – grifos do autor) “*Folclore e mudança social na Cidade de São Paulo* (São Paulo, Anhembi, 1961) revela o Brasil do tradicionalismo popular que invade a metrópole ainda hoje”.:

Uma questão ignorada pela distorção interpretativa dos que preferem imaginar que a situação dos pobres, dos imigrantes, dos desenraizados, dos marginalizados, ganha sua explicação adequada apenas nas orientações interpretativas informadas pelo pressuposto de que as ‘classes perigosas’ são todo o tempo insurgentes e revolucionárias. Elas também são tradicionalistas e, não raro, conservadoras. (idem)

Esse aspecto ressaltado por Martins denota que a interpretação sociológica realizada por Florestan Fernandes sobre o folclore paulistano está longe de ser ingênua ou romântica e centra não apenas no elemento sociodinâmicos das transformações ocorridas na cidade de São Paulo, mas no âmago das relações de classes: as classes subalternas não são revolucionárias por natureza e muito menos espontaneístas.

As visões de cultura popular e folclore em Mario de Andrade e Florestan Fernandes

Florestan Fernandes reconhece em Mário de Andrade a enorme contribuição aos estudos do folclore, seus trabalhos sobre a música popular e o samba rural paulista são dignas de nota pelo sociólogo paulista, também destaca-se a valiosa contribuição sobre a cultura popular infantil, a questão do negro entre outras tantas que “desempenhou como pesquisador

e investigador erudito e, particularmente, pela influência como propriamente de presença, como animador e muitas vezes orientador, exercida sobre um bom número de folcloristas” (Fernandes, 2003, p.167). Florestan considera a contribuição de Mário de Andrade muito significativa aos estudos folclóricos, mas como um folclorista e um literato, em outras palavras, como um grande ensaísta.

Esse aspecto se fazia presente na valorização da cultura frente à chamada cultura erudita, diminuindo a distância entre ambas, na visão de Fernandes as relações entre arte erudita e arte popular se relacionam de forma dialética, estabelecendo contato e pontos de intersecção, “a arte erudita deve realizar-se na e através da arte popular – e a antítese, no caso a arte popular, cede o lugar a uma terceira forma de arte que, do ponto de vista da fatura, chama-se ainda arte erudita, mas que é uma coisa nova, mais essencial e mais expressiva” (Fernandes, 2003, p.172). Continua o sociólogo paulista:

Desse modo processa-se também o desencantamento do folclore, pois a arte popular surge como uma etapa necessária no desenvolvimento de uma forma artística superior, nada mais. Nesse sentido, entretanto, a própria arte erudita é posta, no fundo a serviço das objetivações das camadas populares, matriz e celeiro do folclore, podendo captar, da mesma forma que este, o significado e o sentido da vida coletiva (Fernandes, 2003, p. 172)

Florestan destaca que a relação entre a arte erudita e popular não podem ser tratadas com sobreposições e deve ser vista como fundamento de igualdade, o que na Mário de Andrade irá repelir na medida que para o modernista há uma relação direta entre literatura e folclore, mas que viria sendo aos poucos pouco abandonada por uma orientação mais técnica que sentiu na necessidade de humildemente abondar o ideal das grandes obras de conjunto, e se dedicar a pesquisas e estudos particulares, de caráter monográfico” (Andrade, 2019, p.41). O modernista acentua que tais mudanças estavam sendo orientadas pelas cátedras de sociologia que imprimiam um certo tom policialesco aos estudos folclore.

Essa distinção estaria na relação entre cientificação dos estudos do folclore, muito mais os continuadores da obra andradiana, do que talvez o próprio modernista, em reconhecer o folclore como disciplina autônoma, o que seria relutado por Florestan. Cavalcanti e Vilhena (1990, p.84) estabelecem diferenças entre ambos, Florestan classificava a investigação de Mário como uma paixão pelo tema e com pouco rigor científico e que “Mario relutava em reconhecer a frequência com a qual as formas eruditas se transmitem para a cultura popular, já

que estava interessado no processo inverso”. Segundo o próprio Florestan Fernandes, “os contatos iniciais com a arte popular com o folclórico, portanto, perdem o caráter de um compromisso estreito com a tradição, para adquirir, ao contrário, o caráter de uma nova forma de reelaborar a tradição” (Fernandes, 2003, p.173).

Interessante notar que a questão da tradição não pode ser descolada da cultura popular são partes intrínsecas desse mesmo processo, Florestan critica uma certa visão idílica de popular, conforme explica Cavalcanti e Vilhena (1990,

nas críticas de Fernandes à tradição dos estudos do folclore: vários de seus representantes, inclusive seus futuros debatedores da CNFL, admitem que o folclore se encontra em diferentes segmentos sociais. Apenas acreditam eles que, no que chamam de ‘povo’, o folclore se encontraria de forma mais autêntica e pura, mesmo influenciado pela cultura moderna. Mas, em última análise, a incompreensão mais séria na leitura marxista de que Fernandes faz dos folcloristas é provocada, justamente, pela polissemia da palavra ‘povo’. Para estes últimos, ela idêntica o camponês inculto, enquanto, para Marx ela indica o moderno proletariado industrial. O próprio filósofo alemão diversas vezes queixou-se do caráter ‘conservador’ do campesinato

Thompson em seu trabalho sobre os costumes no século XVIII argumenta que o costume é, por definição, conservador porque ele se baseia no passado. A defesa do passado que povo fazia era recorrer as leis a leis antigas, usos da terra e direitos consuetudinários, algo que o próprio Marx defendeu aos trabalhos em seus artigos na Gazeta Renana, ao mesmo que a cultura popular é um elemento de rebeldia e resistência frente progresso, à fábrica, ao relógio que impunha uma nova disciplina rígida e artificial sobre o corpo humano, a cultura popular utilizava “de formas conservadoras, que recorria aos costumes tradicionais e procurava reforça-los” (Thompson, 1998, p.19).

Florestan Fernandes classifica os estudos sobre folclore de Mário de Andrade com certo ar de picaresco de um romance folclórico, longe de entendê-lo como ingênuo, mas vai criando um personagem como Macunaíma, o herói sem caráter, “é o mais mulato dos heróis brasileiros” trabalhando uma conotação que procurar combinar as tradições populares com o que representativa de uma romance popular, sem estabelecer mediações consistentes do processo de tradição que permanece latente e revela seu caráter do passado escravocrata.

CONCLUSÃO

A análise das trajetórias de Mário de Andrade e Florestan Fernandes permite compreender o folclore não apenas como um objeto de estudo, mas como um campo de disputa sobre a identidade e a modernidade brasileira. Enquanto Mário de Andrade buscou no folclore os elementos de valorização de uma cultura nacional calcada na tradição popular politizando a questão cultural ao transformar manifestações como cantigas e congadas em patrimônio e matéria-prima para uma estética universalizante, Florestan Fernandes operou uma ruptura metodológica necessária para a consolidação da sociologia como ciência autônoma no país. Podemos observar que Mário de Andrade buscar no folclore aspectos de valorização de uma cultura nacional calcada na tradição popular, sua relação com o povo busca observar em suas cantigas, congadas, movimentos aquilo de genuíno pode oferecer em termos de um patrimônio cultural. O modernista irá politizar a questão cultural!

O distanciamento entre ambos reside na transição do "ensaísmo" para a "cientificização". Para Florestan Fernandes, o olhar de Mário, embora pertinente, ainda era eivado de um caráter "picaresco" e literário que precisava ser superado por categorias sociológicas de trabalho empírico com metodologia rigorosa e adequada, que “marca notadamente a posição de Florestan é a diretriz normativa de suas análises. A partir de sua concepção da sociologia como ciência empiricamente fundamentada e logicamente consistente” (Garcia, 2001, p. 164). Todavia, a aproximação entre os autores revela-se na percepção de que a cultura popular se revela como processo de resistência e rebeldia, mas é também ambíguo e contraditório.

Esse aspecto denota a importância ressaltada por Thompson de que a tradição não é um resquício estático do passado, mas uma ferramenta de luta. Tanto na politização andradiana quanto na análise de Florestan sobre a "cultura de folk" em desagregação na metrópole paulistana, o folclore emerge como a "lei dos pobres" frente ao avanço do capitalismo. Em suma, o trabalho demonstra que, seja pelo viés do ensaio ou da ciência, a cultura popular brasileira, em seu conservadorismo formal e rebeldia de conteúdo, permanece como um nó tático fundamental para se pensar as utopias e os impasses da formação social do Brasil.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mario de. **Aspectos do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2019.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento; GARCIA, Sylvia Gemignani. **Florestan Fernandes, mestre da sociologia moderna**. Brasília: Paralelo 15; Capes, 2003.

BOTELHO, André. Mário de Andrade: a invenção do moderno intelectual brasileiro. In: BOTELHO, André, SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). **Um enigma chamado Brasil**. 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. nº 3, 1990.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Mario de Andrade, folclorista. In: ANDRADE, Mario de. **Aspectos do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2019.

FERNANDES, Florestan. Folclore e grupos infantis. **Sociologia**: revista didática e científica, v. 4, n. 4 , 1942.

FERNANDES, Florestan. O folclore em questão. 2ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 3ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GARCIA, Sylvia Gemignani. Folclore e sociologia em Florestan Fernandes. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(2):143-167, novembro de 2001.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Luís Câmara Cascudo e o estudo das culturas populares no Brasil. In: BOTELHO, André, SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). **Um enigma chamado Brasil**. 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARTINS, José de Souza. Florestan. **Sociologia e consciência social no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1998.

NATAL, Caion Meneguello. Mário de Andrade em Minas Gerais: em busca das origens históricas e artísticas da nação. **História Social**, Campinas, n.13, p.193-207, 2007.

PONTES, Heloísa. **Destinos mistos**: os críticos do grupo clima em São Paulo (1940-1968).

São Paulo: Companhia das letras, 1998.

ROCHA, Gilmar. Cultura popular: do folclore ao patrimônio. **Mediações** - Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 14, n. 1, p. 218–236, 2009.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

TOTTI, Marcelo Augusto. A construção do nacional-popular nas revistas do modernismo (1922-1929): o caso da revista de Antropofagia. **Revista Despierta**, Curitiba, ano 07, número 08, jul.-dez. 2020